

A forma da semente, em hélice, pairou a cerca de um metro e meio de Mara, desafiando-a a atingi-la. Ela encarou o alvo, com o sabre-laser de Skywalker seguro nas duas mãos, de forma pouco ortodoxa, mas firme. Já errara duas vezes; não tencionava deixar que acontecesse pela terceira vez.

— Não se apresse — avisou Skywalker. — Concentre-se e deixe a Força fluir em você. Tente antecipar o movimento da semente.

Era fácil falar, pensou ela com amargura. Afinal de contas, era ele que controlava o alvo. A semente moveu-se um milímetro para a frente, desafiando-a...

Repentinamente, Mara decidiu que estava cansada daquele jogo. Projetando a Força, ela mesma controlou a semente. Imobilizada, a hélice vegetal estremeceu um instante antes que ela atirasse o sabre-laser para a frente, atingindo o alvo no centro exato.

— Pronto — disse ela, recolhendo a lâmina luminosa. — Consegui.

Ela imaginou que Skywalker fosse ficar zangado. Para sua surpresa, e um certo aborrecimento, percebeu que ele não ligara para o método usado.

— Bom. Muito bom. E difícil dividir a atenção entre duas atividades, física e mental da forma que fez. E bem feito.

— Obrigada — resmungou ela, afastando o sabre-laser na direção dos arbustos, onde flutuou até a mão estendida de Skywalker. — Só isso?

Skywalker olhou por sobre o ombro. Solo e Calrissian estavam debruçados sobre o dróide dourado, que parará de queixar-se sobre o terreno de Wayland, sobre as plantas e animais e só reclamava do pé danificado pelo solo de pedra. O outro dróide estava por perto, produzindo o habitual repertório de comentários eletrônicos. Afastado alguns passos, o wookie remexia numa mochila, procurando uma ferramenta ou algo parecido.

— Acho que temos tempo para mais alguns exercícios — resolveu Skywalker, voltando-se para ela. — Essa técnica sua é muito interessante. Obi-wan nunca me ensinou nada sobre o uso da ponta do lâmina.

— A filosofia do Imperador era usar tudo o que estivesse disponível — declarou Mara.

— De alguma forma, não me surpreende. Vamos tentar outra coisa. Apanhe o sabre-laser.

Projetando a Força, Mara apanhou-o da mão dele, imaginando o que Skywalker faria se ela tentasse ligar a lâmina antes da hora. Não tinha certeza de poder lidar com algo tão pequeno quanto o controle, mas valeria a pena tentar só para vê-lo correr da lâmina.

E se, no processo, ela acidentalmente o matasse?

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

Segurou com firmeza a arma. *Ainda não*, disse à voz. *Ainda preciso dele*.

— E agora? — indagou em voz alta.

Ele não teve chance de responder. Atrás dele, o dróide astromecânico começou a emitir ruídos excitados.

— O quê? — gritou Solo, com o desintegrador em punho.

— Ele está dizendo que reparou em algo que vale a pena investigar ali ao lado — traduziu o dróide de protocolo, gesticulando. — Um grupo de trepadeiras, ele disse, embora eu possa estar errado... com todo o estrago que esse ácido fez...

— Vamos até lá, Chewie, dar uma olhada — interrompeu Solo, levantando-se e subindo o leito seco.

Skywalker olhou para Mara.

— Vamos também.

Não precisaram andar muito. Logo após a primeira fileira de árvores, escondida da vista por um arbusto, estava outro feixe de trepadeiras como as que cortaram ocasionalmente nos últimos dias.

Com a exceção de que essas já estavam cortadas. Ceifadas e levadas para fora do caminho, amarradas como um feixe de corda.

— Acho que isso põe fim a qualquer discussão sobre se alguém está ou não nos ajudando — comentou Calrissian, examinando um dos

talos cortados.

— Acho que tem razão — disse Solo. — Nenhum predador teria arrumado tudo desse jeito.

O wookie rugiu alguma coisa e puxou a moita que escondia o feixe de trepadeiras. Para a surpresa de Mara, saiu do chão sem esforço algum.

— Nem teria se incomodado com camuflagem — acrescentou Calrissian, quando o wookie a virou. — Parece cortada a faca, como as trepadeiras.

— E como os pássaros, ontem — lembrou Solo. — Luke? Temos tido companhia?

— Pressenti alguns nativos. Mas nunca se aproximaram muito — disse Skywalker, olhando para o dróide dourado. — Acha que pode ter alguma relação com os dróides?

— Quer dizer, como em Endor, quando aquelas bolas de pelo pensaram que Threepio era um deus?

— Algo parecido. Eles poderiam estar chegando perto o suficiente para escutar Threepio ou Artoo.

— Talvez — admitiu Solo. — A que horas costumam vir?

— Quase sempre ao pôr-do-sol. Até agora, pelo menos — afirmou Skywalker.

— Bem, da próxima vez que eles vierem, me avise — pediu Solo, guardando a arma. — Já está na hora de termos uma conversinha com eles. Vamos indo.

A escuridão era cada vez maior, e o acampamento estava quase montado para a noite, quando a sensação retornou.

— Han! Eles estão por perto — sussurrou Luke.

— Quantos são? — quis saber Han, sacando a arma. Luke focalizou a mente, separando cada indivíduo da sensação geral.

— Cinco ou seis deles, vindos dessa direção.

— Isso só no primeiro grupo — perguntou Mara. *Primeiro grupo?* Luke franziu a testa, diminuindo a focalização para obter uma impressão geral. Ela tinha razão: havia um segundo grupo vindo atrás do primeiro.

— Só no primeiro grupo — confirmou ele. — No segundo... acho que são também cinco ou seis. Não tenho certeza, mas podem ser de

espécie diferente que os primeiros.

— O que acha? — indagou Han, olhando para Lando.

— Não gosto nem um pouco. Mara, como as espécies se relacionam?

— Não muito bem. Havia um pouco de comércio e outras trocas quando estive aqui; mas também histórias de uma guerra tripla entre as duas tribos e os colonizadores humanos.

Chewbacca grunhiu uma sugestão: que os alienígenas pudessem juntar forças contra eles.

— E um pensamento engraçado. O que acha, Luke? Luke esforçou-se, mas não conseguiu nada.

— Desculpe, há um bocado de emoções lá, mas não tenho base para julgar de que tipo.

— Eles pararam — afirmou Mara, o rosto tenso de concentração. — Os dois grupos.

Han sorriu.

— Lando, Mara, fiquem aqui para guardar o acampamento. Luke, Chewie, vamos até lá verificar.

Escalaram a encosta pedregosa e penetraram na floresta, movendo-se com o maior silêncio possível entre arbustos e folhas mortas.

— Eles sabem que estamos chegando? — murmurou Han, por sobre o ombro.

— Não sei dizer — respondeu Luke, projetando a Força.

— Mas eles não estão avançando.

Chewbacca resmungou algo que o Jedi não escutou.

— Pode ser — respondeu Han. — Mas seria muito estúpido realizar um conselho de guerra tão próximo ao alvo.

Nesse instante, Luke captou um movimento à frente, uma sombra movendo-se próxima a um tronco de árvore.

— Cuidado! — avisou ele, acionando a lâmina do sabre-laser.

A luz esverdeada revelou uma figura pequena num macacão, recuando para trás do tronco enquanto Han disparava retirando um belo naco da árvore. Uma fração de segundo depois, a besta de Chewbacca arrancava um pedaço do outro lado. Por entre a fumaça, puderam observar um movimento rápido abandonando a proteção cada vez menor para um tronco mais grosso, pouco adiante. Han movia o desintegrador

para novo disparo, quando um som estranho cortou o ar, como se fosse um bando de pássaros alienígenas.

Com um ruído que indicava surpresa e reconhecimento, Chewbacca afastou o braço de Han, mudando a direção do disparo.

— Chewie! — protestou ele.

— Não, ele tem razão — interveio Luke. — Você! Pare onde está.

A ordem fora desnecessária. A figura sombria já parará, ficando em pé no espaço aberto, o capuz ocultando o rosto da luz esverdeada da lâmina.

Luke deu um passo na direção dele.

— Sou Luke Skywalker, irmão de Leia Organa Solo, filho do Lorde Darth Vader. Quem é você? — disse ele com formalidade.

— Sou Ekhrikhor, do clã Bakh'tor — respondeu a voz felina.

— Eu o saúdo, filho de Vader.

A clareira para onde Ekhrikhor os levou estava perto, apenas a vinte metros ao longo do vetor que Luke apontara. Os alienígenas estavam mesmo lá: dois tipos diferentes, cinco de cada em pé ao lado mais distante de um grande tronco de árvore caída. Do lado mais próximo havia dois noghri, usando o mesmo traje camuflado, com os capuzes nas costas. Enfiada entre os dois lados, estava uma espécie de lâmpada de trabalho, que emitia luz suficiente para que Han conseguisse distinguir os detalhes dos alienígenas mais próximos.

Não era muito encorajador. O grupo à direita era uma cabeça mais alto do que o noghri e outro tanto mais baixo do que Han. Cobertos com placas avantajadas, pareciam mais uma pilha de pedras do que uma coisa viva. O grupo à esquerda era constituído de indivíduos quase tão altos quanto Chewbacca, com quatro braços e uma pele brilhante e azulada que lembrava a coisa marrom que tiveram de arrancar de Threepio no primeiro dia.

— Que aparência amistosa — comentou ele, com Luke, enquanto caminhavam para a última linha de árvores entre eles e a clareira.

— Esses são os myneyrshi e os psadan — disse Ekhrikhor. — Foram enviados para combater vocês.

— E vocês os mantêm à distância? — quis saber Luke.

— Eles procuravam confronto. Não podíamos permitir isso — explicou o noghri.

Pararam na fímbria da clareira. Um murmúrio percorreu os alienígenas, que não pareceu nada amigável.

— Não sei porque, estou achando que não somos bem vindos — comentou Han. — Luke?

A seu lado, sentiu que Luke balançava a cabeça.

— Ainda não consigo nada de sólido. O que está acontecendo, Ekhrikhor?

— Eles demonstraram que querem conversar conosco. Talvez para decidir se vão nos combater.

Han deu uma olhada ao grupo alienígena. Todos pareciam usar facas, e havia pelo menos um par de arcos em evidência mas não enxergou nada mais potente.

— E melhor que tenham trazido um pequeno exército com eles — disse Han.

— O melhor é não lutar, se pudermos evitar — lembrou Luke. — Como vamos nos comunicar com eles?

— Um deles aprendeu um pouco de básico quando o depósito foi construído embaixo da montanha — informou o noghri, apontando o myneyrshi mais perto da luz. — Ele vai tentar traduzir.

— Talvez a gente possa melhorar isso — sugeriu Luke, levantando a sobancelha e olhando para Han. — O que acha?

— Vale a pena tentar. Já é hora de Threepio trabalhar um pouco. — Han puxou o comunicador. — Lando?

— Estou aqui. Encontrou os alienígenas?

— Encontramos. Mais uma ou duas surpresas. Peça para Mara trazer Threepio até aqui. Se ela vier na mesma direção, vem direto para uma clareira, onde estamos.

— Certo. E o que quer que eu faça?

— Não acho que esse grupo vá dar trabalho. Você e Artoo fiquem tomando conta do acampamento. Ah, sim. Se enxergar uns sujeitos baixinhos com trajes camuflados e dentes pontudos, não se assuste. Estão do nosso lado.

— Que bom... eu acho. Mais alguma coisa?

Han encarou os grupos de alienígenas, todos olhando para eles.

— Sim. Cruze os dedos. Talvez a gente esteja a ponto de arranjar alguns aliados. Ou um bocado de encrenca pelo resto do caminho.

— Certo. Mara e Threepio estão saindo. Boa sorte.

— Obrigado — disse Han, desligando e colocando o aparelho no cinto.

— Eles vêm vindo.

— Não há necessidade de proteger o acampamento — disse Ekhrikhor.

— Os noghri estão guardando o local.

— Certo. Mas já temos gente demais por aqui — disse Han, encarando o noghri. — Então eu estava certo. *Fomos* seguidos.

— Sim — admitiu Ekhrikhor, baixando a cabeça. — E peço desculpas por termos vindo sem avisá-lo, consorte da Lady Vader. Eu e os outros sabíamos que não era uma coisa honrosa; mas Cakhmaim do clã Eikh'mir queria manter nossa presença oculta.

— Por quê?

— Cakhmaim sentiu hostilidade de sua parte no quarto de Lady Vader. Acreditou que não iria aceitar uma guarda de noghri como proteção.

Han olhou para Luke e pilhou-o tentando esconder um sorriso.

— Bem, da próxima vez que encontrar Cakhmaim, diga a ele que parei de recusar ajuda grátis há muitos anos. E já que estamos falando de hostilidade, é melhor parar com essa história de consorte da Lady Vader. Me chame de Han, ou Solo. Ou capitão. Ou qualquer outra coisa.

— Talvez Han, clã Solo — sugeriu Luke. O rosto de Ekhrikhor iluminou-se.

— Pedimos seu perdão, Han, clã Solo.

— Acho que você foi adotado — comentou o Jedi, disfarçando um sorriso.

— Certo. Muito obrigado — disse Han.

— Um pouco de cerimônia não machuca ninguém. Lembre-se de Endor.

— Ainda estou tentando esquecer.

Em Endor a tribo dos ewok haviam contribuído com sua parte na luta contra a Estrela da Morte. Isso não alterou o fato de que a cerimônia de adoção à tribo fora uma das coisas mais ridículas que ele já enfrentara.

Apesar disso, os ewok haviam superado as tropas de choque pelo número. Os noghri, por outro lado...

— Quantos de vocês vieram?

— Oito. Dois vão na frente, dois atrás e dois de cada lado quando vocês andam — esclareceu o noghri.

Han assentiu, sentindo um novo respeito pela raça. Oito deles, silenciosamente matando ou afastando os predadores e os nativos. Dia e noite. E ainda encontraram tempo para lidar com pequenos aborrecimentos, como os pássaros e as trepadeiras.

Dessa vez seu processo de adoção não parecia tão ridículo.

De algum lugar atrás deles veio um ruído familiar. Han voltou-se e um instante mais tarde enxergou a figura de Threepio aproximando-se. Atrás dele vinha Mara, com o desintegrador na mão.

— Mestre Luke — chamou Threepio, a voz na habitual mistura de ansiedade e alívio.

— Estou aqui, Threepio. Acha que pode traduzir para nós?

— Vou fazer o melhor que puder. Como sabe, conheço fluentemente seis milhões de...

— Encontraram os nativos, afinal — interrompeu Mara. Seus olhos caíram sobre Ekhrikhor. — E uma pequena surpresa, também.

O desintegrador voltou-se para o noghri.

— Não se preocupe, eles são amigos... — assegurou Luke.

— Acho que não. São noghri. Servem ao Grande Almirante Thrawn.

— Não trabalhamos mais para ele — afirmou Ekhrikhor.

— É verdade, Mara — disse Luke.

— Pode ser — concedeu ela.

Pelo menos o desintegrador não apontava mais para Ekhrikhor.

Do outro lado da clareira, um myneyrshi pousou o que parecia ser um pássaro predador empalhado, tingido de branco. Murmurando inaudivelmente, depositou o objeto em frente a ele, sob a iluminação.

— O que é isso? Almoço?

— É chamado de *satna-chakka* — informou Ekhrikhor. — É um símbolo de paz enquanto essa reunião durar. Estão prontos para começar. Threepio-dróide, venha comigo.

— Claro. Mestre Luke?

— Vou com você, Threepio, não se preocupe. Han, Chewie, fiquem por aqui.

— Sem problema — assentiu Han.

Com perceptível relutância, o dróide acompanhou Luke e Ekhrikhor na direção do tronco. O chefe myneyrshi levantou as duas mãos acima da cabeça, as palmas voltadas para baixo.

— *Bidaesi chama* — disse ele, com voz surpreendentemente melodiosa.

— *Lyaaunu baaraemaa dukhnu phaeri*.

— Ele anuncia a chegada de estrangeiros — traduziu Threepio. — O fato se refere a nós. Ele teme que possamos trazer perigo ao seu povo.

Ao lado de Han, Chewbacca rosnou um comentário sarcástico.

— É parece que eles vão direto ao assunto — concordou Han. — E não têm muita diplomacia.

— Trazemos esperança para o seu povo — argumentou o líder noghri.

— Se nos deixarem passar, vamos libertá-los do domínio do Império.

Threepio traduziu, nos melodiosos sons myneyrshi. Um dos psadan fez um gesto de cortar, acompanhado de um grito distante, cheio de consoantes.

— Ele diz que o povo psadan possui memória longa. Aparentemente, já vieram grupos antes de nós, porém nada mudou.

— Bem vindo ao mundo real — comentou Han. Luke olhou para ele por sobre o ombro.

— Peça a ele para explicar, Threepio.

O dróide emitiu sons parecidos com o dos psadan, depois acrescentou uma versão myneyrshi. A resposta do psadan durou vários minutos e os ouvidos de Han já começavam a doer quando o alienígena terminou.

— Bem — começou Threepio, movendo a cabeça e assumindo o ar professoral que Han tanto detestava. — Existem muitos detalhes, que vou deixar passar por enquanto. Os humanos que vieram como colonizadores foram os primeiros invasores. Expulsaram os nativos de

suas terras e só pararam quando os arcos de raios e pássaros de metal... são termos deles, claro... começaram a falhar. Bem mais tarde veio o Império, que como sabemos construiu o abrigo na montanha proibida. Escravizaram muitos nativos para ajudar e expulsaram os restantes de suas terras. Depois dos construtores chegou um que se chamava o Guardião e ele também procurou controlar os nativos. Finalmente, o que se intitulava de Mestre Jedi chegou e a batalha na qual derrotou o Guardião iluminou o céu. Por algum tempo os nativos imaginaram que seriam libertados, mas o Mestre Jedi juntou humanos e nativos para servi-lo, forçando-os a viver juntos sob a sombra da montanha proibida. Finalmente o Império retornou. Como pode ver, Mestre Luke, somos os últimos numa longa lista de invasores.

— Só que não somos invasores — lembrou Luke. — Viemos aqui para libertá-los do domínio do Império.

— Compreendo isso, mestre Luke, mas...

— Sei que compreende — cortou Luke. — Diga isso a eles.

— Oh, sim. Naturalmente, mestre Luke. Threepio começou a traduzir.

— Se me perguntar, acho que eles não foram tratados tão mal assim — comentou Han com Chewbacca. — O Império tomou o planeta inteiro de alguns povos.

— Os povos primitivos sempre têm essa reação com os visitantes — disse Mara. — Em geral possuem uma boa memória, também.

— E, pode ser. Acha que esse Mestre Jedi que eles mencionaram pode ser nosso amigo C'baoth?

— Quem mais? Deve ter sido aqui que Thrawn o encontrou — opinou Mara.

— Acha que ele está aqui agora? — indagou Han, sentindo um frio no estômago.

— Não estou sentindo nada. Mas isso não quer dizer que ele não possa voltar.

O chefe myneyrshi falava novamente. Han relanceou o olhar pela clareira, perguntando-se onde estariam os outros nativos. Tinham de estar por perto, embora Luke não tivesse falado nada sobre reforços.

A menos que Ekhrikhor e seus amigos já tivessem cuidado deles. Se não conseguissem um bom termo nos debates, seria útil ter

combatentes como os noghri.

O myneyrshi terminou de falar.

— Desculpe, mestre Luke, mas eles dizem que não possuem motivo algum para acreditar que vocês sejam diferentes daqueles sobre quem eles falaram.

— Compreendo os temores deles. Pergunte a eles como podemos provar nossas boas intenções? — pediu Luke.

Threepio começou a traduzir e Han sentiu uma forte cotovelada do wookie no ombro.

— O que foi?

Chewbacca gesticulou para o lado esquerdo, a besta pronta e já enquadrando o alvo. Han olhou para a direção indicada.

— O que foi? — quis saber Mara.

Han abriu a boca para responder, mas não teve tempo. O predador comprido que Chewbacca vira se arrastando pela árvore, enrolava-se, ficando prestes a saltar sobre o grupo que discutia.

— Cuidado! — disse ele, sacando o desintegrador. Chewbacca foi mais rápido. Com um rugido wookie de caça, ele disparou e o projétil cortou em dois o predador. Caiu de onde estava, agonizou sobre as folhas do chão, permanecendo imóvel.

Ao lado do tronco, o grupo de myneyrshi recuou, com mostras de raiva.

— Cuidado, Chewie — avisou Han, cobrindo os nativos com a arma.

— Isso pode ter sido um erro — disse Mara, tensa. — Não se pode disparar armas durante uma conferência de paz.

— Também não pode deixar que os participantes sejam comidos — argumentou Han. — Threepio, diga isso a eles.

Ao lado dos myneyrshi, os psadan começavam a agitar-se e ele esperou que os companheiros de Ekhrihor estivessem cobrindo a área.

— Pois não, capitão Solo — assentiu o dróide. — *Mulansaar*.. O chefe myneyrshi interrompeu com um movimento significativo com os dois braços esquerdos.

— Você — disse ele, em básico passável, apontando quatro mãos para Han. — Ele tem besta-raio?

Han franziu a testa. Claro que Chewbacca tinha uma arma, assim como todos, menos os dróides. Olhou para o wookiee... e de repente entendeu.

— Sim, ele tem uma arma — declarou ele, baixando o desintegrador. — E nosso amigo. Nós não temos escravos, como o Império.

Threepio iniciou a tradução, mas o líder já se comunicava, usando amplos gestos, com os outros de seu grupo.

— Belo trabalho — elogiou Mara. — Eu não tinha pensado nisso. Mas você tem razão... os últimos wookiee que viram aqui vieram como escravos do Império.

— Vamos esperar que isso faça alguma diferença.

A discussão transcorreu por mais dez minutos, entre os myneyrshi e os psadan. Por algum tempo, Threepio tentou traduzir, mas transformou tudo num resumo sobre os pontos mais importantes. Os myneyrshi, aparentemente, começavam a achar que essa era a última chance de se livrarem do opressor, primeiro o Império e depois o próprio Mestre Jedi. Os psadan não apreciavam os homens do Império mais do que a outra tribo, mas o fato de pensar em enfrentar C'baoth os fazia tremer.

— Não estamos pedindo que lutem ao nosso lado — disse Luke, assim que conseguiu atrair a atenção de todos. — Os combates são por nossa conta e podemos cuidar disso. Tudo o que estamos pedindo é que permitam nossa passagem por seu território até a montanha proibida, e a palavra de vocês que não vão nos trair ao Império.

Threepio efetuou a dupla tradução e Han preparou-se para outra discussão. Mas não foi o que aconteceu. O chefe dos myneyrshi levantou as mãos superiores, enquanto as inferiores apanhavam o pássaro branco no chão, oferecendo-o a Luke.

— Acredito que ele esteja oferecendo salvo-conduto, mestre Luke. Posso estar errado, mas enquanto os dialetos mudam com o tempo, os gestos e movimentos são...

— Agradeça a ele, Threepio — cortou Luke, aceitando o pássaro embalsamado. — Diga que aceitamos sua hospitalidade. E que não vão se arrepender de nos ajudar.

— General Covell? Devemos aterrissar na superfície em mais alguns minutos — informou a voz com entonação militar, pelo interfone da nave- transporte.

— Recebido — avisou Covell, fechando o canal e voltando-se para seu único passageiro. — Estamos quase chegando.

— E, eu também escutei — respondeu C'baoth, divertido. — Diga-me, general Covell: estamos no final ou no início da viagem?

— No início, claro — disse o general. — A viagem que preparamos não tem fim.

— E quanto ao Grande Almirante Thrawn?

Covell franziu a testa. Não escutara essa pergunta antes, pelo menos não nessa forma. Enquanto hesitava, a resposta veio até seus pensamentos, aliviando-o. Como acontecia com todas as respostas, agora.

— E o início do fim do Grande Almirante Thrawn.

C'baoth riu, seu divertimento repercutindo de forma agradável na mente de Covell. O general chegou a pensar em perguntar o que era tão engraçado, mas preferiu relaxar e aproveitar a gargalhada. De qualquer forma, sabia bem que era muito engraçado.

— Sabe mesmo, não sabe? — concordou C'baoth em voz alta. — Ah, general, general... é tão irônico, não acha? Desde o início... daquele primeiro encontro em minha cidade, o Grande Almirante Thrawn tinha a resposta ao seu alcance. E mesmo agora, está tão longe de entender quanto estava naquela oportunidade.

— É sobre poder, Mestre C'baoth? — indagou Covell, pois aquele era um assunto familiar, onde sabia sua parte.

— Realmente, general Covell. Eu disse a ele no primeiro encontro que o poder não está em se conquistar mundos distantes. Ou em batalhas, guerras, ou esmagar os rebeldes.

Sorriu, os olhos brilhando na mente de Covell.

— Não, general... *este é* o verdadeiro poder. *Este*. Segurar outra vida na palma de sua mão. Ter o poder de escolher seu caminho, seus pensamentos e sentimentos. Reinar sobre sua vida e declarar sua morte — disse C'baoth, com ar sonhador, elevando a mão com a palma para cima e mantendo-a assim.

— Controlar sua alma.

— Uma coisa que mesmo o Imperador não compreendeu — lembrou Covell.

Mais uma onda de prazer percorreu a mente do general. Era muito satisfatório que o Mestre apreciasse o jogo.

— Nem mesmo o Imperador — concordou C'baoth, deixando que os pensamentos corressem soltos. — Tanto ele quanto o Grande Almirante viam o poder apenas como uma questão de quão longe fora deles mesmos, podiam alcançar. E isso o destruiu, como eu disse que destruiria. Pois se ele comandasse Vader... — ele deixou a frase em suspenso. — Foi tolo de muitas formas. Mas talvez não fosse seu destino viver de outro jeito. Talvez fosse a vontade do Universo que eu, eu sozinho, entendesse. Apenas eu possuo tanto a força quanto a vontade para alcançar esse poder. O primeiro... mas não o último.

Covell assentiu, engolindo em seco. Não era agradável quando C'baoth o deixava assim, mesmo por pouco tempo. Especialmente quando havia essa estranha solidão junto...

Mas, naturalmente, o Mestre sabia disso.

— Sente dor com a minha solidão, general Covell? Sim, claro que sente. Mas seja paciente. Está chegando a hora em que seremos muitos. E quando essa hora chegar, nunca mais nos sentiremos sós outra vez. Observe.

Ele sentiu a emoção distanciar-se, assim como todos os outros sentimentos, agora: filtrados e focalizados pela mente perfeita do Mestre.

— Está vendo? Eu tinha razão — disse C'baoth, examinando o sentimento. — Eles estão aqui. Skywalker e Jade, os dois. Eles serão os primeiros, general Covell... os primeiros dentre muitos. Pois eles virão a mim e, quando eu lhes mostrar o verdadeiro poder, entenderão e ficarão ao nosso lado. Acho que Jade será a primeira. Skywalker resistiu uma vez e resistirá a segunda; porém a chave para sua alma está aguardando na montanha lá embaixo. Jade é diferente. Já a vi em minhas meditações... aproximando-se e ajoelhando-se aos meus pés. Ela será minha e Skywalker virá logo depois. De um jeito ou de outro.

Sorriu outra vez. Covell retribuiu o sorriso, feliz com a felicidade do mestre e pelo pensamento de que haveria outros que estariam ali para

aquecer sua mente.

Então, sem nenhum aviso, tudo ficou escuro. Não uma solidão, como a que sentira. Mas uma espécie de vazio.

Mal sentiu a cabeça sendo levantada pelo queixo. C'baoth estava lá, fitando-o nos olhos.

— General Covell! Pode me ouvir? — reboou a voz do Mestre.

Porém a forma como escutou foi diferente. Não parecia estar lá.

— Posso ouvir — respondeu ele, com a própria voz soando estranha,

Olhou para o rosto de C'baoth, para o interessante padrão de linhas no painel da nave. Sentiu-se sacudir.

— Olhe para mim! — ordenou C'baoth.

Covell fez o que foi pedido. Era estranho, porque podia ver o Mestre, mas ele não estava ali.

— Ainda está aí? — perguntou ele, assustado.

O rosto do Mestre se alterou. Algo... seria chamado sorriso?... alterou-lhe as feições.

— Sim, general, estou aqui — afirmou a voz distante.—

Não estou tocando sua mente, mas continuo aqui. Você vai continuar a me obedecer.

Obedecer. Um conceito estranho, não era como fazer apenas o que parecia natural.

— Obedecer?

— Vai fazer o que eu mandar — disse C'baoth. — Vou dar coisas para você dizer e vai repeti-las palavra por palavra.

— Certo. Se eu fizer isso, o Mestre voltará?

— Voltarei. A despeito da traição do Grande Almirante. Com sua obediência... fazendo o que eu mando... vamos anular a traição dele. Então não nos separaremos outra vez.

— Esse vazio vai embora?

— Vai. Mas só se fizer o que eu mandar.

O outro homem veio um pouco mais tarde. O Mestre ficou a seu lado o tempo inteiro e ele repetiu todas as palavras que mandou. Todos foram para algum lugar, e pouco depois o Mestre saiu também.

Covell olhou para o lugar onde o tinham deixado, observando os padrões de linhas e o vazio ao redor. Acabou adormecendo.

Um estranho chamado de pássaro soou à distância, suplantando o ruído de insetos e pequenos animais. Contudo, o perigo não parecia imediato e um minuto depois os sons noturnos recomeçaram. Mudando de posição contra o tronco da árvore, Mara esticou os músculos das costas, desejando que tudo já tivesse acabado.

— Não há necessidade de ficar acordada — disse uma voz noghri, à altura do ombro. — Nós estamos de guarda.

— Obrigada, mas se você não se importa, vou fazer a minha parte. O noghri permaneceu um instante em silêncio.

— Você ainda não confia em nós.

Na verdade ela não pensara muito sobre o assunto.

— Skywalker confia em vocês. Não está bom assim?

— Não procuramos aprovação — afirmou o noghri. — Apenas uma forma de pagar nosso débito.

Ela deu de ombros. Eles protegeram o acampamento, fizeram os primeiros e delicados contatos com os nativos, e agora ali estavam vigiando outra vez o acampamento.

— Se for um débito com a Nova República, eu diria que estão fazendo um ótimo trabalho. Vocês descobriram que estavam sendo enganados por Thrawn e o Império?

Houve um estalido quando os dentes pontiagudos bateram uns contra os outros.

— Você sabia sobre isso? — indagou a voz felina.

— Escutei rumores — admitiu Mara, reconhecendo que o assunto era perigoso, mas não dando a mínima. — Mais como piadas, na verdade. Nunca soube o quanto disso era verdade.

— Provavelmente a maior parte. E verdade, consigo imaginar o quanto nossas vidas e mortes devem divertir nossos algozes. Mas vamos fazer com que parem de rir.

Não havia raiva cega, nem ódio fanático. Tratava-se da mais fria determinação. Do tipo mais perigoso.

— O que vão fazer a respeito?

— Quando chegar a hora, os noghri se voltarão contra seus algozes. Alguns em mundos do Império, outros em naves de transporte.

E cinco grupos virão para cá.

— Vocês já sabiam sobre Wayland? — indagou Mara, franzindo a testa.

— Não, até você nos trazer. Mas agora sabemos. Mandamos a localização para os que aguardam em Coruscant. A essa hora, já passaram adiante a informação.

— Vocês confiam um bocado em nós.

— Nossas missões complementam uma à outra — assegurou o noghri, com voz séria. — Vocês estabeleceram para si mesmos a tarefa de destruir a instalação que produz os clones. Com a ajuda do filho de Vader não duvidamos de seu sucesso. Para nós, escolhemos o objetivo de eliminar qualquer lembrança da presença do Imperador em Wayland.

Com certeza, as últimas relíquias da presença do Imperador na Galáxia. Mara brincou com aquela idéia na mente, imaginando por que não a irritava, ou deixava zangada. Talvez estivesse cansada.

— Parece um grande projeto — comentou ela. — Quem é esse filho de Vader que você disse que vem nos ajudar?

Houve um silêncio antes da resposta.

— O filho de Vader já está com vocês. Você também o serve.

Mara abriu os olhos e fitou o rosto escuro... de repente, seu coração esfriou.

— Você quer dizer... *Skywalker*?

— Não sabia?

Mara voltou-se para o outro lado, encarando o vulto adormecido a uma distância não maior do que um metro de seus pés. Sentia o corpo amortecido.

Finalmente, depois de tantos anos, o pedaço final do quebra-cabeças fora descoberto. O Imperador não desejava que matasse Skywalker pelo que tinha feito. Tratava-se de uma vingança contra o pai dele, Darth Vader.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

No espaço de alguns batimentos cardíacos, tudo o que Mara acreditara sobre si mesma... o ódio, a missão e a vida inteira... transformaram-se de certezas em confusão.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER. VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER. VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

— Não — murmurou ela para a voz em sua mente. — Assim, não. É minha decisão. São meus motivos.

Porém a voz não se abateu. Talvez fosse sua resistência a alimentá-la, ou talvez fosse o maior envolvimento com a Força que o treinamento com Skywalker produzira nos últimos dias.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER. VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

Mas você é diferente, Mara Jade.

Mara teve um sobressalto, batendo a nuca contra o tronco atrás dela. Outra voz; que não vinha do interior dela. Vinha...

Eu a vi em minhas meditações, continuou a voz, com calma. Vi você caminhando até mim e ajoelhando-se a meus pés. Você será minha e Skywalker virá depois. De um jeito ou de outro.

Mara sacudiu com força a cabeça, tentando expulsar aquelas palavras e pensamentos. A segunda voz deu a impressão de rir; repentinamente as palavras e o riso deram lugar a uma pressão distante e firme contra sua mente. Cerrando os dentes, ela resistiu. Ao longe, escutou a voz zombando de seus esforços...

Depois, com uma rapidez que a fez perder o fôlego, a pressão desapareceu.

— Você está bem? — quis saber Skywalker.

Mara olhou para baixo. Ele se levantara num dos cotovelos, o rosto voltado para ela.

— Você também escutou?

— Não ouvi palavras, mas senti a pressão. Mara olhou para a copa das árvores.

— E C'baoth. Ele está aqui.

— É — concordou Skywalker, apreensivo.

Não era de estranhar... ele enfrentara C'baoth, em Jomark, e quase sucumbira.

— E agora? — indagou Mara. — Abortamos a missão? A silhueta deu de ombros.

— Como? Estamos a apenas dois dias da montanha. Levaríamos muito mais do que isso para voltar ao *Falcon*.

— Só que agora os homens do Império sabem que estamos aqui.

— Pode ser que saibam. Mas talvez não — argumentou Skywalker. — O contato sumiu de repente para você também?

Ela franziu a testa; então percebeu.

— Acha que alguém se aproximou dele com um ysalamiri?

— Ou o colocaram num lugar cheio deles, como aquele tubo portátil que você estava usando, em Jomark. De qualquer forma, pode implicar em que ele seja prisioneiro.

Mara pensou sobre o assunto. Se isso fosse verdade, talvez ele não se interessasse em passar a informação sobre os invasores que se dirigiam à montanha.

Ela olhou para a silhueta recortada contra as brasas da fogueira, enquanto outro pensamento lhe ocorria.

— Você sabia que C’baoth viria? Por isso insistiu para que eu fizesse o treinamento Jedi.

— Eu não sabia que ele estaria aqui. Mas sabia que teria de enfrentá-lo algum dia. Ele mesmo disse isso em Jomark.

Mara estremeceu. *Ajoelhando-se a meus pés...*

— Não quero enfrentá-lo, Skywalker.

— Nem eu. Mas acho que vamos ter de fazer isso — declarou Skywalker, suspirando. Depois afastou as cobertas e levantou-se. — Por que você não tenta dormir um pouco? O ataque deve ter deixado você exausta. De qualquer forma, agora estou acordado.

— Está certo — concordou ela, cansada demais para discutir. — Se precisar, me acorde.

— Pode deixar.

Mara rastejou para o próprio saco de dormir, entre Calrissian e o wookie. A última lembrança antes de pegar no sono foi a voz em sua cabeça.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.